

Perfil

Ziraldinho nasceu em 24 de outubro de 1932, em Caratinga (MG). Em 1949, foi com o avô para o Rio de Janeiro. Em 1950, voltou para sua cidade para fazer o Tiro de Guerra e terminar o Científico. Em 1957, formou-se na Faculdade de Direito de Minas Gerais. No ano seguinte, casou-se com Vilma Gontijo com quem teve três filhos e seis netos. Jornalista, teatrólogo, cartazista, chargista, caricaturista e escritor, iniciou a carreira em 1954 no jornal A Folha de Minas, com uma página de humor. Ganhou notoriedade nacional ao se estabelecer na revista O Cruzeiro em 1957 e, posteriormente, no Jornal do Brasil, em 1963. Em 1960, Ziraldinho produziu a primeira revista brasileira do gênero "quadrinhos" feita por um só autor, A Turma do Pererê. Durante o período da ditadura militar, fundou junto com outros humoristas o mais importante jornal não-conformista da história da imprensa brasileira, O Pasquim. Em 1969, ganhou o Oscar Internacional

de Humor no 32º Salão Internacional de Caricaturas de Bruxelas e o Merghantealler, prêmio máximo da imprensa livre da América Latina. Ainda em 1969, publicou seu primeiro livro infantil, Flicts. Em 1980, ganhou o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro com O Menino Maluquinho, que se transformou em um sucesso editorial e foi adaptado para o teatro, o cinema, para internet e para histórias em quadrinhos, e teve uma versão para ópera infantil. Em 1999, criou duas revistas: Bundas, que unia opinião e humor, e Palavra, que se destinava a divulgar e a discutir a arte produzida fora do eixo Rio-São Paulo. No início de 2002, surgiu O Pasquim21, um jornal semanal que tentou reviver o histórico O Pasquim. Em 2004, Ziraldinho ganhou, com o livro Flicts, o prêmio internacional Hans Christian Andersen. Os seus livros já foram traduzidos para várias línguas, como espanhol, italiano, inglês, alemão, francês e basco.

Ziraldinho

9 de novembro de 2006, na Feira do Livro de Porto Alegre



Foi preciso conciliar a Feira do Livro, onde sempre é homenageado, reúne multidões de todas as idades e se diverte muito. Sentamos no Salão dos Jacarandás numa tarde agradável de meia-estação, não havia mais lugar, mas não se parava de ter assunto com seus personagens, o traço aberto e voluptuoso que sabe pôr no papel, as idéias que tem sobre a profissão, o trabalho, os amigos de trago e parceria. E a política que ele sabe lidar pela borda de fora e, às vezes, bem no ponto, quase sempre com memoráveis dribles na censura. É o mais generoso escritor para crianças que conheço, incapaz de não aceitar um convite, de não dar autógrafos ou de não fazer desenhos. E sorri o tempo todo.

Ruy

Quando eu era menino, já fazia histórias em quadrinhos, e o meu ídolo era o Batman, que tinha como companheiro o Robin. O Robin usava um colete com um R desenhado. Por isso, desde menino que eu sou apaixonado por coletes. Você fica parecendo um pajem, emagrece e, de mais a mais, no Brasil usar paletó, manga em cima de manga, para quê? Dispensa a segunda manga. Sempre acho que estou elegante. Meu pai adorava teatro. Quando chegou a companhia mambembe do João Rios lá em Caratinga, meu pai ficou entusiasmadíssimo e resolveu dar um jantar para os atores e as atrizes da trupe. Principalmente para as atrizes. A gente vivia modestamente, lembro de ter passado o dia inteiro pegando prato e colher emprestados, ajudando minha mãe a lavar o chão, pegando toalha da patroa do papai. Enfeitamos a casa toda para o jantar. Aí chegou o João Rios de calça, sapato de duas cores, com um paletó azul natiê e uma echarpe colorida. Quando terminou a festa, comentei com o meu pai: "Ele estava vestido esquisito, né?". Ele respondeu: "Não, meu filho, artista pode". Então, eu uso colete porque artista pode. Eu tenho uns 300 coletes, mas uso mesmo uns 40. Desde menino, cortava a manga da camisa mais velha, tirava a gola e colocava sobre outra camisa. Quem me via achava que eu estava de colete. Tenho até retrato assim. Quando comecei a viajar pelo mundo, nos grandes brechós da Inglaterra, comprava roupa. Comprei alguns coletes sensacionais por 1 dólar, 2 dólares, em Paris, ou nos turcos, em Berlim. Em Nova Iorque, tem uma loja que deve ter uns dois milhões de coletes por 3, 4, 5 dólares. Eu também ganho muitos coletes de presente. Para ser honesto, tenho uns três paletós, mas não tenho gravata.

Seu Geraldo

Meu pai era muito bonito, o preto mais bonito de Caratinga. Em um Carnaval, teve um futebol de homem vestido de mulher. A mamãe vestiu o meu pai de mulher, o pintou, depois colocou um turbante nele. Quando ela acabou, ele perguntou: "Que tal, Zizinha?" E ela: "Você é a mulata mais linda do mundo". Meu pai ficou puto da vida por ser chamado de mulata, mas gostou dela ter dito que ele estava bonito. Eu saí com ele de mãos dadas, e o meu pai fez um sucesso tão grande que ia coçando o saco para ninguém achar que ele era mulher mesmo. A

presença, a figura do pai na vida da gente é tão impressionante. Meu pai era um pai raro para aquele padrão. Ele era filho bastardo, mas foi estudar, voltou vereador, presidente da Câmara, virou um homem eminente na minha cidade. Ele era muito carinhoso com os filhos, e não era usual pai fazer carinho nos filhos no Interior. Em Minas Gerais, pai nem falava com os filhos. Lembro que um amigo falou que nunca tinha ouvido a voz do pai dele. O pai, naquela época, não dialogava com o filho, servia para "exemplar". Meu pai me beijava na frente dos outros, penteava meu cabelo na hora de sair, os meninos achavam que eu ia virar veado quando crescesse. Mudei para o Rio de Janeiro e fui me apresentar para o Exército. Perguntaram: "Qual é a sua altura? Seu pai é alto?" Respondi que tinha 1m72, mas que meu pai devia ter 1m85, 1m90. Fui passar as férias em Caratinga, vi que meu pai era mais baixo do que eu. Eu tinha 18 anos e, para mim, meu pai tinha 1m90. Que coisa engraçada!

Dona Zizinha

Mamãe era louca completa, era psicótica-maniaca-depressiva (PMD). Não tem nada mais interessante do que PMD, só que é difícil de conviver, porque a minha mãe ficava numa euforia total ou numa depressão total. Quando ela ficava deprimida, tinha que colocar comida na boca, dar banho; quando ela ficava eufórica, sai de baixo. Ela acordava a gente de madrugada para poder ver o dia nascer, se arrumar. Às vezes, ela saía de casa sem avisar para ninguém e ia para o Rio me visitar. O pessoal querendo dormir, e a mamãe fazendo uma quizumba dentro do ônibus: "Vamos cantar, gente, essa viagem está muito triste, muito chata". Uma noite, tocou o meu telefone às 4h da manhã: "Seu Zivaldo, aqui é de Conselheiro Lafaiete, de um restaurante da estrada, tem uma pessoa que quer falar com o senhor". Era minha mãe. "O que houve?", perguntei. E ela: "Me abandonaram aqui, pararam para tomar café e não me chamaram", disse ela, às gargalhadas. Abandonaram a minha mãe lá, e eu fui buscar ela de madrugada. Meus pais eram muito especiais. Eles inventaram o meu nome, minha mãe se chamava Zizinha e meu pai, Geraldo. Ele era muito criativo, fazia monogramas, discursos... Em vez de botar um nome qualquer, foi inventar nome para mim. Mamãe diz que enquanto ela estava me parindo, ele ficava escrevendo nomes. No final, levou dois nomes para ela escolher um era Zivaldo, Zi (de Zizinha) e Raldo



(de Geraldo). Graças a Deus, ela escolheu Ziraldo porque a outra opção era Gezi.

Ídolo do avô

Eu desenhava, pintava, fazia versos, teatro, sabia tudo da guerra. Eu tive um avô que também era completamente louco, sensacional, a família tem muito doido. Ele se chamava Hortêncio, era ferreiro, todo ferreiro fala muito alto porque acha que ninguém está escutando ele. O meu avô ficava o dia todo dando ordem. Tem uma história dele que eu conto no livro *O Menino e seu Amigo*. Eu tinha entre 9 e 11 anos e estava passeando com uns amigos. O meu avô estava sentado com uns amigos dele na praça, quando passei por lá, ele me chamou. Pensei logo no que poderia ter feito de errado, ele era o patriarca. O meu avô perguntou coisas do tipo: "Stalingrado caiu ou não caiu? Como está a guerra no norte da África?". Respondi certo às perguntas, e ele disse que eu podia ir embora. Quando saí, eu o ouvi falando para os amigos: "Estão vendo meu neto? Um Ruy Barbosa!". Para o avô, todo neto é gênio. O cara pensa como é que aquele sujeitinho, aquele chato, sem a menor condição de se casar com a minha filha, que eu eduquei com tanto cuidado, pode ser pai do neto mais inteligente do mundo? Meus netos são os mais inteligentes do mundo. Só descobri que eu era o ídolo do meu avô quando ele morreu. A vida inteira ele me paparicou também. Eu sou uma pessoa difícil de ser entendida porque sou muito carente. Eu tive um avô e uma avó tomando conta de mim, primeiro neto de 38,

além de nove tias. Aí rapaz, como não gostar de mulher? Tia dando banho, tia lhe enfeitando, tia lhe exibindo... é um horror. Mulher é bom demais.

Caratinga

Caratinga tinha uma coisa extraordinária: um trilho de trem de ferro que saía da estação Leopoldina, no Rio de Janeiro, e terminava lá, porque o dinheiro acabou e a obra parou ali. Você ia de trem de Caratinga para o Rio de Janeiro direto. A gente não sabia o que era Atlético, Cruzeiro, mas a escala do Flamengo daquela época eu sei até hoje. Quando eu tinha 17 anos, a Nacional Transportes Aéreos inaugurou uma linha aérea de Caratinga para Belo Horizonte, aí mudou o eixo da cidade completamente. Terminei o Ginásio em Caratinga e fui para o Rio de Janeiro fazer o Científico. No terceiro Científico, fui servir o Exército e me inscrevi como pára-quedista, porque isso fazia um sucesso danado com as moças. Eu saí da minha cidade com um metro e meio de altura e, depois de dois anos no Rio, fiquei com a altura que tenho hoje. Fui passar as férias em Caratinga. Quando cheguei lá com topete grande, cabeça colorida, meia escocesa, sapato mocassim, até hoje uso mocassim por causa disso, calça de mescla cinza, camisa de rayon verde, eu "fechei" a cidade. Larguei o pára-quedismo para poder fazer tiro de guerra em Caratinga. Terminei o Tiro de Guerra e fui eleito presidente do Centro de Estudantes. Foi o ano mais alegre da cidade, teve baile, concurso, grupo de teatro, salão de arte, tudo o que se pode imaginar. Eu enlouquecia Ca-

ratinga. Depois, fui para Belo Horizonte fazer Direito porque não tinha mais nada para fazer, não tinha Artes Gráficas, não tinha Jornalismo. Quando me mudei para Belo Horizonte, trabalhei em banco, depois em agência de publicidade. Trabalhei a vida inteira em agência de publicidade, como Standard, McCann-Erickson. Sou um dos mais antigos publicitários brasileiros vivos, têm poucos profissionais de propaganda da minha idade em ação. Produzindo, não tem mais ninguém.

Trabalho sim...

Trabalhei durante a infância inteira, por isso eu não sou contra o trabalho infantil, sou contra a exploração de mão-de-obra infantil. A gente tem que usar as palavras corretas, o poder da palavra é uma coisa extraordinária. Veja a transformação social profunda que houve no Brasil por causa da introjeção da palavra comunidade na alma do homem simples. O Brasil deve muito à cantora Leci Brandão, porque foi ela quem inventou a palavra comunidade. Você chega e fala em nome da “nossa comunidade”, todo mundo entende imediatamente o que é, uma palavra resolve. Antes até você explicar que é melhor juntar todo mundo, que a vontade do grupo é mais importante do que a vontade do indivíduo. Nós até hoje não conseguimos passar para o brasileiro o que significa ser cidadão, ou seja, a consciência de que o ser humano, em sociedade, tem que ter sobre seus direitos e deveres. Falta introjetar essa consciência em nós. Não acho que as duas coisas estejam combinadas. Na infância, se têm dois sonhos: o primeiro, aprender a ler, um fascínio, o dia em que ele descobre o caminho da leitura, aquele menino que fica fingindo que lê. O outro é trabalhar, um dos brinquedos mais fascinantes da infância é brincar de trabalhar. Eu trabalhei como auxiliar de balcão de loja e em tipografia. Conheço tudo de tipografia: sei compor, sei distribuir, conheço caixa alta, caixa baixa. Não tinha necessidade de trabalhar. Só o prazer. Não tenho mais agilidade, mas sabia imprimir cartão de visita, convite de enterro, essas coisas todas.

Exploração não...

É impossível que o **César Maia**¹ saia da casa dele, vá para o Palácio e não veja o que eu vejo. Não é possível que ele não esteja vendo os meninos na rua, limpando carrinho, a mãe alugando criança. Ele sabe, agora, quanto custa

isso? Custa um dinheiro que o governo não tem? Falta é vontade política. Não tem que comprar computador, não tem que importar tecnologia americana, não tem que pagar *royalties*. É evidente que serão medidas paliativas, porque só com a justiça social, com pleno emprego, com a inflação controlada, com mais oportunidade de trabalho é que você vai conseguir resolver isso, e o governo tem muitas formas de criar condições para isso ser prioritário. Acontece que não é prioritário, muita conversa e pouca ação. Você vê. É possível que o governante não esteja vendo? Não é.

A vida em décadas

Por uma questão de convenção, você vive em décadas. A que vai dos 20 para os 30 tem uma importância louca. Um cara de 30 anos quando se recorda de uma coisa acontecida há 12, 20 anos, encontra outro ser, um pequeno idiota, um menino com preguiça de estudar. E agora, ele é prefeito, gerente de banco, cientista. É muita transformação. Então, a década de 20 tem essa importância porque é a década da consolidação do adulto. Os anos 30 para a nossa vida são importantes porque os filhos entram na adolescência, os 40 anos são a entrada nos “enta”, a vida começa aos 40. Se o cara é bonito, charmoso, ele é o “quarentão”. O mesmo serve para os 50 e 60 anos. Os 50 anos são o meio-século, é a idade do poder, o poder está na mão dos caras de 50 anos, como o presidente dos EUA, George W. Bush. A expressão “sessentão” só apareceu no Brasil depois do sucesso do **Andreazza**² com as mulheres. Lembram-se dele? Você ouviu alguém falar que o cara é um “setentão”? Não ouviu. Qual é a característica dos 70 anos? Baile da terceira idade. A década dos 80 anos volta a ter graça. Paulo Autran, Sérgio Britto têm 80 anos, é a idade do ancião, do pai da pátria, de ter a opinião respeitada. É verdade que temos aí uma turma respeitável com 70 anos. Nós somos a primeira geração de 70 anos que não abriu espaço para ninguém, vocês têm que derrubar a gente. Não tem esse negócio de “eu me aposentei”, a gente não está aposentado. A lista dos caras de 70 anos que ainda dão palpite neste país é muito grande: Zuenir Ventura, Washington Novaes, Ferreira Gullar, Reinaldo Jardim, etc., etc. É uma lista vasta de gente que não abandonou a batalha. Fora disso, a nossa faixa etária não tem graça,

(1) César Maia – Prefeito (DEM/RJ) do Rio de Janeiro.

(2) Mário Andreazza – Ministro dos Transportes (1967-1974) e ministro do Interior (1979-1985).



não tem charme. Outro dia, alguém publicou uma matéria sobre mim, imagine, e no título botou que eu era um “setentão”. Foi a glória!

Unidade nacional

Acho que o Brasil consegue essa mágica da unidade nacional, que é um absurdo. Você chega na Holanda, e o pessoal de Haia não se dá com o pessoal de Amsterdã, é outra língua, é outra maneira de encarar o mundo. Aqui, é tudo essa bagunça maravilhosa, esse afeto. A gente trabalha muito com o afeto no Brasil, apesar dessa violência, dessa corrupção, o Brasil é um país afe-tuoso, somos uma gente afetuosa. Eu sou uma testemunha disso, todo dia recebo prova de afeto do Brasil todo, seja no Rio Grande do Sul, em Manaus, em Pernambuco, Recife. O Brasil tem um certo orgulho do Rio Grande do Sul, não sei se alguém já informou isso para os gaúchos. É o nosso Estado chique. A mulher gaúcha é a sueca brasileira. Tinha até uma música, não sei quem cantava, que era assim: “...o homem do Rio quando vê gaúcha, fica se babando...”. Essa coisa do gaúcho, da paisagem ser bonita, ser limpa, de ter seus próprios escritores, sua própria música, a presença da história gaúcha no Brasil, dá um certo fascínio. Está cheio de torcedor do Internacional ou do Grêmio lá no Rio de Janeiro que não é gaúcho.

Afeto como definição

Afeto é a grande palavra do nosso modo de ser. O afeto e

uma outra coisa, apesar do nosso provincianismo, que é viver e deixar viver. No Brasil, é o seguinte: a moça quer sair pelada na *Playboy*, deixa ela sair. Ela está magoando, roubando, batendo em alguém? Deixa ela sair pelada na *Playboy*. Depois, ela casa e a vida continua. Lembro que eu fui assistir à posse do Moreira Franco, aquele governador do Estado do Rio, com um repórter francês que estava lá em casa, e tinha uma *Playboy* dentro do carro. Chegando lá, estava o Moreira Franco com a mulher dele, e estava aquele menino que era casado com a Maitê Proença, o Paulo Marinho. A Maitê, que estava no auge da beleza, toda elegante ao lado da primeira-dama do Estado e do governador. Eu apresentei o francês à Maitê Proença e ele ficou encantado. Quando voltamos para o carro, ele olhou a *Playboy* e comentou: “Olha, que coisa interessante! Como essa moça nua aqui se parece com a senhora lá do Palácio”. Eu respondi que não só parecia, como era ela. E o francês: “Mas ela pode sair pelada na *Playboy* e ser amiga do governador?”. Respondi: “Aqui no Brasil pode, o problema é dela”. Essa tolerância é outra qualidade nossa. Somos tolerantes até mesmo no bom sentido, dá para entender?

Inspiração

Acho que todo mundo tem idéias, mas para quem não tem o condicionamento do criador, a idéia passa sem que a pessoa registre. Não existe criação nem arte sem a obsessão. Veja a história daquela frase famosa:

"Quando eu piso em folhas secas caídas de uma mangueira, penso na minha escola e nos poetas da minha Estação Primeira..."³. O compositor popular vê uma folha caindo da mangueira e diz: "Isso dá samba". Os outros vêem a folha cair e acham que é apenas uma folha caindo. Quem está "ligado" quando, de repente, acontece alguma coisa, que aos outros pode parecer trivial, já pensa: "Ih, isso dá livro, isso dá charge". Você tem que anotar as idéias. Aquele negócio de acordar de madrugada com um verso e anotar. Se não levantar e não anotar, pela manhã já não lembra mais, não tem jeito. Tem que anotar tudo, ficar com o bolso cheio de

tivesse saído sem esforço.

Sentimento é tudo

Se eu tivesse que escolher, quem é mais artista: Chico Buarque ou Caetano Veloso, eu ficaria com o Caetano. Artista!!! Acho que o Chico é mais talentoso, o Chico cria feito um monstro, feito o Tom Jobim. Agora, o Caetano é maior porque só trabalha com o sentimento dele, ele não aceita encomenda. Ele não faz "...se acaso me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim..." – não tem música mais bonita do que essa, mas é uma coisa literária, ele está imaginando uma mulher. O Caetano fala: "...*O Sol*⁴ nas bancas de revistas, me enche de alegria e de



papezinhos anotados como eu, e trabalhar. O poeta João Cabral de Melo Neto não acreditava na espontaneidade, ele acreditava que era preciso muito suor em cima do poema. É verdade que tem poetas que chegam e escrevem seus poemas, como se recebessem um ditado. O Carlos Drummond de Andrade, por exemplo. Meu caso é diferente. Eu choro, sofro, estouro a minha cabeça para poder achar o poema. Eu não sou um escritor espontâneo, meu texto fica espontâneo porque eu trabalho muito em cima dele. As pessoas pensam que o verso sai, mas não sai nada. Você fica horas trabalhando para saber de que maneira fica melhor o versinho, como se

preguiça..." porque a namorada dele estava no *O Sol*, dirigindo. Tudo o que ele faz tem a ver com o sentimento pessoal dele. Toda vez que você está sendo sincero, a sua obra comunica melhor, fica mais forte. É claro, que nem sempre dá certo. Eu fiz *O Menino Maluquinho* com base em um sentimento que tenho. Mas se o menino é feliz, se o menino é acarinhado, é cheio de amor, ele tem muito mais possibilidade de ser um cara legal do que de ser um canalha, aliás, eu não conheço nenhum canalha que tenha sido um menino feliz. Eu não uso a minha criação espontânea para nenhum projeto pessoal, não convoco as crianças para salvar a natureza pensando que estou

(3) *Folhas Secas* - Samba de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito.

(4) *O Sol* – Criado em 1968, antes do governo militar decretar o AI-5, o diário impresso falava de cultura, política e educação por meio de sátiras. O jornal foi impresso diariamente durante seis meses.

fazendo arte. Tenho, hoje, um estúdio meu para fazer isso, por encomenda. A Secretaria do Meio Ambiente, por exemplo, me convoca, e eu faço um livro chamado *Água Nossa de Cada Dia*. Eles me pagam, fazem dois milhões de exemplares. Aí é uma coisa que eu faço com uma equipe, eu e meu pessoal desenvolvemos uma capacidade muito boa de fazer essas coisas com “proselitismos”. Quando vou fazer um livro meu, não tenho preocupação de ensinar nada, faço tudo sozinho.

Eco-gigolôs

Acho bom que o **Al Gore**⁵ tenha saído por aí com essa campanha com a qual ele está fazendo muito sucesso. Esses ingleses dizendo que no ano 2040 não vai mais ter peixe no mar, isso tudo é terrorismo ecológico, não há a menor hipótese do degelo nos pegar em cem anos, esse tempo não é nada. A primeira cisão que a Terra sofreu tem 280 milhões de anos. Acharam um dinossauro no Rio Grande do Sul com 230 milhões de anos, essas transformações passam num tempo que nós não podemos nem imaginar. É evidente que não pode deixar que o Bush não aceite o Protocolo de **Kyoto**⁶, tem que controlar as queimadas na Amazônia. Agora, imaginar que daqui a 40 anos vão desaparecer os peixes do mar. Ora, se desaparecer o piau, a gente come cambeva. Diminuiu o volume de peixe porque nos santuários conhecidos o homem depredou tudo. A gente tem que ter um pouco de cuidado com esse terror e com os “eco-gigolôs”, porque o que tem de ONG safada, companheiro, sai de baixo. O Brasil está com uma dificuldade infinita para chegar ao Pacífico por causa das ONGs que trabalham contra. Quem sustenta essas ONGs? É o capital americano, ao qual não interessa que a gente chegue ao Pacífico.

Artista-cidadão

O artista argentino ficou meio ausente na ditadura. Não é teoria conspiratória, é fato. Se bem que lá a coisa foi bem mais dura. Aqui, a tia do general, se fosse amiga da prima do seu tio, tirava você da cadeia, se não fosse muito grave o caso. É claro que estou generalizando, houve muita tragédia, mas o tal afeto brasileiro, uma certa amenidade de nossa sociedade, funcionou a favor. Na Argentina, a barra foi pesada. No Brasil, a resistência contra a ditadura militar foi marcada pela participação de artistas de todas áreas, teatro, música,

música popular, os velhos escritores, os Verissimos [Luis Fernando e Erico], o Jorge Amado, todos se comprometeram. Tentaram tirar o direito de trabalhar do escritor Antonio Callado, a gente se mobilizou, fez manifesto, voltaram atrás. Impossível pensar isso na Argentina. O artista brasileiro de qualquer categoria sempre se comprometeu, porque a gente tem consciência de que em um país como o nosso onde tudo está por fazer, se você consegue falar para 50, 60 pessoas ao mesmo tempo, não pode falar só abobrinha. Você tem que colocar as questões para o público poder ir para casa e refletir. Eu acho que a participação do artista brasileiro do golpe para cá foi fantástica. Aí aconteceu uma coisa muito engraçada: quem não se comprometeu na hora da dureza passou até a querer gozar. Gente falando mal, por exemplo, das atitudes do Bono Vox ou do Sting. No estágio em que o Brasil está, o artista tem compromisso com o seu país, com a sua gente e tem que ter consciência disso.

Menina Nina

A Vilma, minha mulher, foi minha companheira e me agüentou por 49 anos, 7 de namoro e 42 de casados, e com uma compreensão das minhas fraquezas e, evidentemente, com um amor por mim muito grande. A Vilma começou a se preparar de uma maneira comovente para ser a “tiazona” da família, arrumou os disquinho dela, a cadeira de balanço, os livros, o caderninho com o aniversário dos sobrinhos e dos netos, ela estava tão entusiasmada com essa coisa de avó! A minha neta mais velha, a Nina, era apaixonada por ela, e a Vilma tinha pela menina a mesma paixão que o meu avô tinha por mim. Ela sempre se preocupou com a minha saúde, eu nunca a vi de cama. Ela foi deitar e morreu durante o sono. Fiquei muito desesperado e imaginei que tinha que fazer uma despedida. O Machado de Assis fez um poema para a sua mulher, Carolina: *“Querida, ao pé do leito derradeiro, em que descansas dessa longa vida. Aqui venho e virei, pobre querida, trazer-te o coração do companheiro...”*. O artista sempre dedica um réquiem, um poema, um quadro. Pensei no que poderia fazer e decidi fazer um livro para criança, que é o que eu sei fazer. Fiz esse livro, o *Menina Nina – Duas Razões para Não Chorar*, com muito sentimento.

(5) Al Gore – Político e ativista ecológico americano. Em 2006, ele lançou o livro *Uma Verdade Inconveniente – O Que Devemos Saber (e Fazer) Sobre O Aquecimento Global*. No mesmo ano, foi lançado um documentário com o mesmo título, dirigido por Davis Guggenheim.

(6) Protocolo de Kyoto - Acordo internacional para controlar o aumento da temperatura do planeta, o “efeito estufa”, causado pela poluição. Proposto em 1997, o protocolo prevê que os países ricos reduzam as emissões de gases causadores do aquecimento global. Em 2001, os Estados Unidos desistiram do acordo, alegando que ele frearia o crescimento econômico.

Teoria da perda

Aí comecei com essa teoria de por que nós suportamos falar dos nossos mortos com naturalidade depois que passa um tempo. Para quem não conhece o *Menina Nina*, a minha tese é a seguinte: depois que passa o trauma, essa coisa insuportável de imaginar a vida sem aquela pessoa, você começa a aceitar a perda. Se você acha que a morte é o fim de tudo, você sabe que o sujeito amado não está sofrendo, e quando você ama uma pessoa, não quer que ela sofra. Se a morte tirou a pessoa daqui, ela está dormindo, não está sofrendo, você não tem mais que se preocupar com ela, não precisa mais chorar por ela. Quer saber se você ama alguém? Verifica se o sofrimento da outra pessoa faz você sofrer mais do que a ela mesma. Se sim, você ama essa pessoa. Agora, se você acha que tem vida além da morte, aí é sensacional, a pessoa está lá, lhe esperando, lhe olhando. Você tem uma outra razão para não chorar. Agora, como contar isso para uma criança? Anotei a idéia para não esquecer e trabalhei um ano no livro até achar uma forma de fazer isso.

Combate à violência

A política antidrogas da Colômbia não pode ser implantada no Brasil por uma pequena dificuldade: a imprensa colombiana acertou com o governo que não dá notícias sobre crime, isso não se consegue com a imprensa brasileira. Lá, o **Marcola**⁷, esse líder do crime que criaram agora, que deu entrevista, saiu na capa de tudo quanto é revista, podia dançar nu na praça que não iria sair notícia sobre ele. Na Colômbia, hoje, pela imprensa, ninguém sabe quem é bandido. Tem outra coisa: não sabem porque o bandido também já sumiu. É meio drástico, mas não se pode fazer aqui. Por outro lado, lá há realmente uma política social muito importante. Qualquer brasileiro sabe o que o falcão peegrino faz no inverno: ele abandona o sul do Canadá e vem voando pelos Andes e acaba num banhado perto de São Paulo. Toda a rota deles é monitorada. Ninguém no Rio de Janeiro sabe o que motoboy faz no sábado, onde é que o motoboy faz xixi, faz cocô, de segunda a sexta ele faz xixi e cocô no emprego, mas no sábado e no domingo onde? No mato, na praia, atrás



da árvore, na casa dele não tem privada. Ninguém sabe onde o contínuo carioca quer passar o fim de semana. Ele vai para Copacabana, vai fazer arrastão em Ipanema. O Rio de Janeiro tem as mais belas praias do Brasil, e não precisa nem você escolher onde vai passar o seu fim de semana, eles já determinaram qual é a praia que eles gostam. Agora, você chega lá não tem uma lancha, não tem salva-vidas, não tem ambulatório, nem delegacia, nem aluguel de calção, nem lugar para tomar banho? Não tem nada, só violência! Quiosques, tudo direitinho como tem na Bahia, não tem. Quer dizer, como é que você vai conter a violência? Não é botar a polícia na rua quando tem violência, é botar a oportunidade de viver para as pessoas. O negócio é não perder a esperança. Veio um fotógrafo de Nova Iorque para fotografar a violência no Brasil e ficou lá em casa, porque era amigo de uma das minhas filhas. Ele ficou dois meses aqui, foi ao morro, se enturmou com o pessoal de lá. O fotógrafo me disse o seguinte: "Ziraldo, se eu chego perto para fotografar um negro numa rua transversal de Los Angeles, quando levanto a câmera e olho para ele, eu sei que posso morrer. Seu olhar para mim é de ódio. Aqui, o cara me chama de tio e fala: 'Tio, passa a grana, perdeu, perdeu'. Não é assalto, não. Olha o que tem de conceitual nisso, ele acha que a vida é uma luta. Essa você perdeu, essa eu ganhei. Não tem isso de "é um assalto". Isso é anedota.

O Aspíte

Eu escrevi um livro chamado *O Aspíte*, que quer dizer assessor de palpíte. Eu sou assessor de palpíte, toda a vez que um amigo meu é eleito, toma posse, eu passo um telegrama: "Não faça nada sem falar comigo". Eu sonho em ser presidente do Brasil, fico com vontade de fazer coisas, uma aflição. Um dia, eu vi na TV uma catadora de papel gaúcha cozinhando papelão na água para fazer

(7) Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola – Chefe da facção criminosa autoproclamada Primeiro Comando da Capital (PCC).

(8) Herbert José de Souza, o Betinho (1935-1997) – Sociólogo, idealizador da Ação da Cidadania contra a Miséria e Pela Vida, movimento em favor dos pobres e excluídos criado em 1993.

sopa para as crianças dela. Eu fiquei tão arrasado com esse negócio, que pensei: “Gente, por que o governo não faz uma porção de fábricas de macarrão, espalha essas fábricas de macarrão pelo Brasil inteiro, bota vitamina no macarrão e distribui?”. Para cozinhar 1 kg de feijão, você gasta carvão, gás ou lenha, você cozinha macarrão com o jornal queimado, se você não cozinha, pode comer o macarrão cru. Se der caruncho, maravilha, é amargo, mas é vitamina C pura. Eu fiz a campanha do macarrão na mídia escrita, fui para a TV, falei no Jô Soares. Com isso, consegui o seguinte: o macarrão passou a fazer parte da cesta básica, não fazia. Descobriu-se que não precisava se construir uma fábrica por cidade, as fábricas existentes tinham condições de produzir macarrão para o Brasil inteiro. O Itamar Franco, que era o presidente na época, chamou a gente, eu e o **Betinho**⁸, para falar do negócio do macarrão lá em Brasília com o pessoal do Instituto Nacional de Nutrição, que deu um pau na gente, dizendo que a gente não entendia nada de fome. Eles tinham outras idéias para resolver o problema. Aí eu descobri que você não deve se meter onde não é chamado. Também dei a sugestão de plantar flor na frente de casa, porque onde você planta flor, ninguém joga lixo ou, pelo menos, joga lixo com maior constrangimento. Com isso, consegui-se fazer em Juiz de Fora e em várias outras cidades do Brasil, inclusive, creio, em Vacaria, no Rio Grande do Sul,

a Casa do Pequeno Jardineiro para tirar os meninos da rua e ensiná-los a plantar flor, a fazer enxerto, para eles cuidarem dos jardins da cidade e de quem quiser jardim em casa. Esse trabalho está dando o maior resultado. Mas dei outros palpites melhores ainda, a solução para o problema dentário no Brasil é a perereca (dentadura). Arranca logo os dentes, que ninguém aprende a cuidar deles mesmo, e bota a perereca. Sabe quanto custa uma dentadura? R\$ 100. Para encerrar, vou contar uma história sobre um tio. Quando eu era menino, achava que existiam dois tipos de raça: gente de dente branco e de dente preto, porque ele tinha enormes manchas negras nos dentes, parecia um teclado de piano. Meu tio passou a vida inteira sendo sustentado pela minha tia, que trabalhava, e ele deitado na cama com aquela boca preta, cheio de dores. Quando ele se mudou para Belo Horizonte, foi ao médico se queixando de dores. O médico falou: “Rapaz, arranca esses dentes todos”. Meu tio arrancou os dentes e virou um touro, começou a rachar lenha, construiu a casa dele, com uma disposição para trabalhar que nem quis botar dentadura, só tomava sopa. O problema dentário custa caro, então arranca os dentes e bota perereca. Outro projeto é parar de criar boi na Amazônia e criar fazenda de peixe, porque peixe não morre afogado e nem pega aftosa. Faz fazenda de pirarucu e alimenta o Brasil inteiro. Eu tenho que ser presidente da República, não adianta eu dar idéia. ■

A canja



A edição do Encontros na 52ª Feira do Livro teve como canja uma formação especial do grupo *Cuidado que Mancha*, com Gustavo Finkler no violão, acompanhado de Cláudio Veiga no cajon e Renata Mattar no acordeon. Os três subiram ao palco da Sala dos Jacarandás para homenagear o convidado da noite, Ziraldo. No repertório, a canção *Sem Cachorro*, do primeiro CD do grupo, e duas músicas do espetáculo *A Mulher Gigante: Careta Vai, Careta Vem e O Quartinho dos Fundos*.

